

Mar del Plata: do meio-dia às seis da manhã, 13 abr. 1962

Vladimir Herzog

O Estado de S. Paulo, 13 abr. 1962

MAR DEL PLATA, março – O trem sai de Buenos Aires às dez. As malas já foram até a estação. Chego lá e vejo a minha empilhada com mais sessenta outras. As etiquetas falam em Madrid, Nova York, Roma. Bardem. Acho que ouvi este nome em algum lugar. Furió. Não sei quem é, mas vou ficar sabendo daqui a pouco. A *hostess* da delegação brasileira, Christine, dá-me a passagem. Entro no vagão. Uma porção de mulheres. Alguns homens. Muitas mulheres maquiladas.

Almoçamos. Entre um garção e outro, enxames de fotógrafos e cinegrafistas. Uma ruiva fala para eles sem parar. Faz poses. Sorrindo? *Gracias, merci, thanks*. Assim? Como? Com o braço assim e a perna assim? Pois não. Sorria, *señorita*. *Gracias. Una vez mas*. Alguém me pede um autógrafo. Faço-lhe ver que não tem cabimento.

Há alguns críticos no vagão. Antonioni. Sim, porque este em relação àquele “é mais maduro”. Maduro como? “Mais realizado”. Whisky, *señor*? Bem realizado, isto é? E daqui por diante? Ah, uma nova fase. Antonioni não se esgotou. Falem baixo. Giorgia Moll dorme no banco de trás.

Ou pelo menos finge que dorme. Fotografam-na dormindo. Finge que acorda e finge que se zanga. O incidente é rapidamente superado. Sorri, sem fingir.

*

Em Mar del Plata. Gente esperando na estação. Apanho a mala. Gritos. Os monstros saem do trem e vão para os automóveis. Vivas. Guardas a cavalo seguram o cordão de isolamento. Os monstros saúdam e assinam autógrafos. Uma cidade em technicolor recebe-nos sob um tempo frio mas firme. Somos divididos em hotéis e em cassinos.

*

Uma sessão de cinema em Festival. Você chega e vê uma porção de gente comprimida uma na outra, tentando se lhe aproximar. Você pensa que é para vê-lo de perto. Não compreende por quê. Aí você, se for artista ou estiver resolvido a fazer uma gozação, começa a assinar autógrafos. Se for artista, como o Belmondo, concluirá, como o Belmondo, que é muito chato assinar autógrafos, mormente quando você é famoso. Aí você se esquiva. Depois percebe que é quase impossível. Quase, porque, se você for o Belmondo, se esquivará às brutas. Você então abre seus braços de três metros de envergadura, ensaia um mergulho e entra no carro, enquanto sua roupa, se não for de casimira inglesa legítima, ficará como *souvenir* de alguma de suas ardorosas fãs. Dentro do carro, se você for o Belmondo, perceberá que alguém ficou de fora. Pensando bem, perceberá que é sua mulher. Você coça então a cabeça para ver como é que ela vai fazer para entrar no carro. Talvez seja sua fã.

Isto, para sair do hotel. Para entrar na sala de espetáculos, você, se for o Belmondo, repetirá a operação, talvez ajudado por algumas mãos prestimosas. Talvez então, a pedido, você diga algumas palavras ao microfone. Naturalmente saudará o povo de Mar del Plata. E o povo de Mar del Plata (se você for o Belmondo) delirará, embora você não vista camiseta estampada nem chuteiras.

Se você não for o Belmondo, contentar-se-á com um terço de tudo isso. Então, como o Belmondo, ao lado de sua mulher, entre uma e outra frase bastante sensata, você assistirá ao filme programado.

*

Apostam sobre ela: uns dizem que é italiana. Outros que é alemã. Ela diz que é italiana, filha de alemães. Tem 22 anos e a conhecem como Giorgia Moll. Fala cinco línguas e está estudando no “Actor’s Studio”. Fez vários filmes, entre os quais *Tempestade* e *Mulheres perigosas*, que tiveram grande êxito de bilheteria em São Paulo. Diz que tem uma parente em São Paulo, mas que até agora não conseguiu localizar. Foi modelo aos dezesseis anos. Seu último filme, *Laura Nuda*. Não gosta de viajar de avião e desmaiou no Festival. Não de emoção, mas de falta de ar.

A outra italiana é siciliana. Chama-se Daniela Rocca. Já leu dois livros de Proust (não disse quais), parece ter bom gosto cinematográfico, isto é, não gostar de toda a obra de Visconti nem de toda a obra de Antonioni. Numa entrevista disse que gosta de Mastroianni “porque é um bom profissional”. Trabalhou em *Divorzio all’italiana*, de Pietro Germi. Dança fabulosamente bem e não perde a linha.

Com nome difícil de pronunciar, só falando húngaro, veio Maria Medgyasi. Trabalha ao mesmo tempo no teatro e no cinema de sua terra. Ganha de 7 a 8 mil dólares por contrato e não tem maquinaria publicitária em torno de si. Dos países socialistas estão também Zofia Slaborowska, que faz uma “ponta” em *Fulgor nas montanhas*, o filme bélico que representou a Polônia, e a russa Nadezhda Rumiantseva. Ela tem pouco mais de 1 e 55 de altura, mas é uma atriz de cinco. Cumprimenta a todos com um sorriso cordial. Em *Mulheres*, de Yuri Tchuliukin, ela diz que sabe preparar batatas de dezesseis maneiras diferentes.

*

Não sou capaz de fixar os dois pés no chão, e fazer como se estivesse rodando um bambolê quebrado. Os argentinos, porém, dançam o *twist* muito bem. No grande baile de recepção às atrizes a coisa esquentou. Se alguém levantasse os olhos da coxinha de frango que estava comendo e olhasse para a pista, veria, entre outras coisas: Daniela Rocca dançando com Maurice Sarfatti, Norma Benguel com Paul Guers, Valerie Lagrange com não sei quem, o grande documentarista holandês Bert Haamstra dando uma lição de chá-chá-chá primeiro com a Slaborowska, depois com a Rumiantseva, completamente alheio continua, sem tango, sempre.

Se você quiser entrar no baile, também, precisa saber dançar o samba de um “certo jeito” que requer uma certa adaptação. O corpo tem que mexer todo na Argentina, onde só se faz uma pausa que refresca de hora em hora. A orquestra, porém, continua sem tango, sempre.

*

Com ou sem Festival, Mar del Plata é uma cidade talvez bonita, ou, como diria aquela senhora que encontrou Janet Munro de biquíni na praia, pondo-lhe as duas mãos sobre a face atônita:

– *Pero es linda, linda!*

Texto e fotos de Vladimir Herzog

HERZOG, Vladimir. “Mar del Plata: do meio-dia às seis da manhã. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1962, p. 15.